

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Claudia Cardinale!

2 e 6 de Abril de 2026

Il Giorno della Civetta / 1968

O Dia da Vergonha

um filme de DAMIANO DAMIANI

Realização: Damiano Damiani *Argumento:* Ugo Pirro, Damiano Damiani *a partir do romance homónimo de* Leonardo Sciascia (1961) *Fotografia* (35 mm, cor): Tonino Delli Colli *Montagem:* Nino Baragli *Música original:* Giovanni Fusco *dirigida por* Bruno Nicolai *Cenografia:* Sergio Canevari *Guarda-roupa:* Marilù Carteny *Interpretação:* Franco Nero (Capitão dos carabinieri Bellodi), Claudia Cardinale (Rosa Nicolosi), Lee J. Cobb (don Mariano Arena), Tano Cimarosa (Zecchinetta), Nehemiah Persoff (Pizzuco), Serge Reggiani (Parrinieddu), Ennio Balbo (primeiro mafioso no banquete), Ugo D'Alessio (segundo mafioso no banquete), Fred Coplan (primeiro-sargento), Giovanni Pallavicino (marechal dos carabinieri), Laura De Marcho (filha de don Mariano), Brizio Montinaro (filho do marechal), Lino Coletta (Lancia), Vincenzo Falanga (Colosimo), Vincenzo Norvese (homem com a bicicleta roubada), Rosemma Concetta Lo Pipero (Caterina), Gaetano Cimarosa, Giuseppe Lauricella, etc.

Produção: Panda Societa per L'Industria Cinematografica, Corona (Itália, França, 1968) *Produtores:* Ermanno Donati, Luigi Carpentieri *Direcção de produção:* Alfonso Donati, Lucio Trentini *Títulos internacionais:* MAFIA, THE DAY OF THE OWL *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falada em italiano e legendada eletronicamente em português *Duração:* 107 minutos: *Estreia:* 17 de Fevereiro de 1968 (Roma) *Estreia comercial em Portugal:* 22 de Novembro de 1968, cinemas Condes e Roma (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Omertà, do latim *humilitas*, "humildade". O termo siciliano equivale historicamente a um *voto de silêncio*, um código de honra tácito entre organizações mafiosas do sul de Itália, alicerçado num fervoroso sentido de solidariedade de "grupo" que impregna as populações servindo de escudo contra as autoridades. "A boca serve para comer, não para falar", ouve-se a don Mariano, o mafioso-mor, "o padrinho" de IL GIORNO DELLA CIVETTA. O filme do "dia da coruja" chamou-se em Portugal O DIA DA VERGONHA quando estreou em 1968, em linha com o ano de produção e estreia italiana. O título original vem do romance de Leonardo Sciascia, que o argumento de Ugo Pirro e Damiano Damiani adapta pondo um inspirado trio de actores nos papéis do capitão de polícia destemido – Bellodi, da jovem mulher e mãe assediada com olhares e falsas suspeitas quando o marido desaparece sem deixar rasto – Rosa Nicolosi, e de don Mariano: Franco Nero, Claudia Cardinale e Lee J. Cobb interpretam os vértices desse triângulo de personagens que o filme de Damiani encena na esquadria paralela de dois edifícios situados na praça da cidadezinha de Partinico, na região de Palermo, onde quase tudo se passa e foi filmado. O confronto de dois homens que representam lados opostos, a mulher que insiste no caso pessoal a esclarecer, circulando entre eles como eixo da construção da intriga e da coreografia do filme.

A esquadra de polícia e a casa de don Mariano, ou mais exactamente o gabinete de Bellodi e a sala de estar e varanda de Mariano, são dois camarotes com vista para o palco do espaço público da praça. Das fachadas e janelas, varandim e varanda das duas moradas, os dois protagonistas masculinos vigiam-se, espreitam-se, desafiam-se, cada um de seu lado da praça, até ao momento em que o agente da lei, um homem aí destacado mas exterior à comunidade (Bellodi veio de Parma e foi partiano), age de algum modo alheio à impermeabilidade dos códigos, ousando a detenção do segundo no tempo que dura a reorganização do jogo político que volta a pôr tudo no lugar devido. Leia-se, devolvendo ao segundo a posição de poder que pacatamente ocupa a partir da sua varanda e pondo o primeiro fora de cena. Os planos recortados com a silhueta dos binóculos, que não são de ópera mas servem à observação operática da criminalidade em acção ou em inacção, tornam-se a imagem de IL GIORNO DELLA CIVETTA. A coruja é, como se sabe, uma ave de rapina nocturna distinta pelo voo rápido e silencioso. O filme move-se com os acontecimentos e o silêncio sob a claridade do Sul de Itália, a luz do sol, o azul e o ocre. A praça é o dito palco para o qual dão dois camarotes privilegiados que é possível perscrutar de binóculos na mais aparente calma. Ou uma arena (curiosamente o apelido da personagem mais vil).

Se a geometria de *IL GIORNO DELLA CIVETTA* é um elemento crucial da sua construção a partir do centro da urbe, o começo decorre na estrada, tornada local de crime nas proximidades da casa da jovem família de Rosa Nicolosi. E esta a personagem que mais se move entre as outras e os lugares das outras, tentando saber do marido desaparecido, que nunca vemos com ela, mas no único plano do “prólogo” em que é surpreendido como testemunha de um homicídio: o homicídio do empreiteiro que recusou ceder uma obra a uma empresa protegida pela máfia, Colasberna, como mais tarde se saberá. Quando a obstinação de Bellodi o leva a ludibriar Rosa para lhe extorquir uma pista que possa seguir (na primeira das vezes que usa métodos pouco ortodoxos para lograr uma confissão ou algo que o valha), ficamos a saber que o desaparecido se cruzara na estrada com “Zecchineta” (alrunha do bandido com gosto pelo popular jogo siciliano de cartas e apostas do mesmo nome). É a ponta na qual Bellodi pega para desemaranhar o novelo de cumplicidades, que passa pela hierarquia, secretismo, corrupção, violência do bando de don Mariano e se reflecte no comportamento de peões sem voz dos concidadãos, passando ainda pela personagem do informador Parrinieddu, interpretada por Serge Reggiani. Alheio ao enraizamento daquele modo de estar, Bellodi age convencido da impossibilidade do homicídio de Colasberna se dever a razões passionais conforme o boato infame que don Mariano põe a circular responsabilizando a jovem Rosa de ter sido amante do morto e o marido dela do assassinato e conseqüente fuga.

Num filme eminentemente masculino, Rosa é a personagem que condensa toda uma série de preconceitos e características daquela sociedade, época, lugar de singularidades, justapondo à exposição da realidade mafiosa o retrato patriarcal, machista, social, cultural e sexualmente abusivo. Nas várias tonalidades, Rosa é alvo de infâmia e ao mesmo tempo a personagem a quem o homem mais íntegro da história respeita – fica logo expresso no primeiro diálogo entre Rosa e Bellodi, na esquadra, com a troca de palavras taco-a-taco, a frontalidade dos olhares de Claudia Cardinale e Franco Nero. Ela levava dez anos de cinema (a contar de *GOHA*, Jacques Baratier, 1958), já elevava todas as fasquias nos filmes com Visconti, Zurlini e Fellini, já compusera a divertidíssima princesa de *THE PINK PANTHER* (Blake Edwards, 1963) e subsequentes papéis em Hollywood. Estava a voltar para o cinema italiano e francês – é dirigida por Sergio Leone no célebre *western spaghetti* *C'ERA UNA VOLTA IL WEST*, do mesmo ano de *IL GIORNO DELLA CIVETTA*, em que volta a ser superlativa (e este último é o filme pelo qual foi distinguida com um primeiro David di Donatello para melhor actriz, antes de *BELLO ONESTO EMIGRATO AUSTRALIA SPOSEREBBE COMPAESANA ILLIBATA* [Luigi Zampa, 1972]). Em Rosa cabem a graça, a ferida, a profundidade humana, como noutras notabilíssimas personagens que Cardinale criou – para sempre “rapariga da mala”, diria Jorge Silva Melo que apostava contra quem quisesse que o sorriso magoado de Claudia Cardinale, Aida no filme de Zurlini, era “o mais lindo sorriso do cinema”. A luz que irradia dos filmes diz que sim, é.

Fica por discorrer o conto dos “padrinhos”, como também Lee J. Cobb (que se cruzou com Marlon Brando em *WATERFRONT* de Kazan décadas antes de Brando encarnar don Vito Corleone no *THE GODFATHER* de Coppola) é admirável, máscara do mal entranhado em *IL GIORNO DELLA CIVITA*. Últimas notas menos incandescentes – lembre-se que Leonardo Sciascia escreveu o seu romance em 1960 e publicou-o no ano seguinte, a partir de acontecimentos verídicos (desde logo o assassinato em 1947, pela Cosa Nostra, de Accursio Miraglia, um sindicalista comunista em Sciacca) e que esse fundo verídico foi explicitado numa nota da primeira edição. Lembre-se, sobretudo, conforme explanado na “advertência” acrescentada à edição de 1972, que a publicação do romance rompe com a negação da existência da máfia no discurso oficial, não obstante as provas documentais em contrário ou o senso comum. *O não dito* já fora verbalizado em textos de comédia ou teatro (*I mafiusi de la Vicaria* ou *Mafia*), mas *Il Giorno della Civitta* terá sido o primeiro romance publicado a expor os mecanismos da organização criminosa da máfia. Ugo Pirro, que já adaptara um romance anterior de Sciascia, o policial *A ciascuno il suo* (1966) para o filme homónimo de Elio Petri (1967), trabalhou livremente esta adaptação com Damiani, preservando-lhe o espírito mais do que a letra de forma – e ao que parece a fala em que don Mariano categoriza a humanidade nos cinco níveis dos “homens, semi-homens, pigmeus, ratos-de-esgoto e intrujas” que serve a densidade do desfecho quando um “fantoche” ocupa a posição antes assumida na praça pública por Bellodi.